AVES

**** Méd. Veterinário Roberto de Andrade Silva***

Segundo a Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA), as exportações brasileiras de carne de frango (considerando todos os produtos, entre in natura e processados) totalizaram 2,629 milhões de toneladas no primeiro semestre de 2023. O número supera em 8,5% as vendas internacionais realizadas nos seis meses de 2022, com 2,423 milhões de toneladas. A receita acumulada no primeiro semestre alcançou US$ 5,168 bilhões, saldo que supera em 9,3% os números acumulados entre janeiro e junho de 2022, com US$ 4,728 bilhões.

A China segue como principal destino, com 390,7 mil toneladas importadas (superando em 33% o resultado alcançado no primeiro semestre de 2022). Em seguida estão o Japão, com 219,8 mil toneladas (+8,5%), Emirados Árabes Unidos, com 200,1 mil toneladas (-18,3%), África do Sul, com 189,7 mil toneladas (+16,5%) e Arábia Saudita, com 176,8 mil toneladas (+8,4%).

Entre os estados exportadores, o Paraná segue na liderança, com 1,090 milhão de toneladas nos seis primeiros meses deste ano (+11,1% em relação ao primeiro semestre de 2022), seguido por Santa Catarina, com 545,5 mil toneladas (+7,44%), Rio Grande do Sul, com 372,7 mil toneladas (-1,9%), São Paulo, com 151,4 mil toneladas (+17%) e Goiás, com 120,4 mil toneladas (30,8%).

BOVINOCULTURA DE CORTE

**** Méd. Veterinário Thiago De Marchi da Silva***

A arroba bovina enfrenta um cenário de retração, revertendo o período de altas consecutivas e acumulando uma significativa queda de 4,17% no mês de julho (Cepea). Esse declínio é atribuído à dificuldade no escoamento dos estoques, resultando em lentidão nas compras pelos frigoríficos. Além disso, a demanda interna ainda se mantém enfraquecida, e os consumidores têm demonstrado preferência momentânea por outras proteínas, como a carne de frango.

Uma das principais razões para essa pressão nas cotações é a situação de estoques elevados, que dificulta a absorção da produção pelo mercado interno. Isso acaba refletindo diretamente nos preços praticados no atacado. No Paraná observou-se uma acentuada queda nos

***Reprodução autorizada desde que citada a fonte**

preços no período de maio a junho. O dianteiro apresentou desvalorização de 6,5%, enquanto o quarto traseiro sofreu uma baixa ainda mais expressiva de 8,6%.

OVOS

**** Méd. Veterinário Roberto de Andrade Silva***

A recente suspensão do Japão aos produtos avícolas de Santa Catarina não deve gerar impactos às vendas de ovos do Brasil. Em todo o primeiro semestre, menos de 0,2 toneladas do produto de Santa Catarina foram embarcadas para o destino asiático.

Dados compilados pela Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA) indicam que as exportações brasileiras de ovos (considerando produtos in natura e industrializados) cresceram 150% neste primeiro semestre, em relação ao ano de 2022.

Foram exportadas 16,6 mil toneladas entre janeiro e junho do ano corrente, contra 6,6 mil toneladas no mesmo período de 2022. A receita gerada pelas exportações do semestre totalizou US$ 41,2 milhões, número 222,4% superior ao registrado nos seis primeiros meses de 2022, com US$ 12,8 milhões.

As exportações brasileiras ainda representam menos de 1% da produção. Entre os principais destinos das exportações, o Japão aparece como principal importador, com 6,9 mil toneladas importadas entre janeiro e junho deste ano, resultado 1.304% superior ao registrado no mesmo período de 2022.

Na segunda posição vem Taiwan, com 5,4 mil toneladas (no ano anterior não houve embarque de produtos para o destino asiático).

LAVANDA

****Engenheiro Agrônomo Paulo Andrade***

O comportamento errático do clima sinaliza para um olhar mais atento para as mudanças em nosso meio ambiente, dessa forma a humanidade, os vegetais e os minerais, somos influenciados pelas externalidades do planeta.

Culturas agrícolas seculares são impactadas por regimes hídricos intensos ou secas, ventos e ciclones, pragas e doenças, alterações fisiológicas e metabólicas, etc. Quando se trata de plantios alimentares os danos refletem em segurança e soberania alimentar, por outra perspectiva repercutem inclusive na

***Reprodução autorizada desde que citada a fonte**

produção de essências medicinais e aromáticas.

Os campos de lavanda no Mediterrâneo vivenciam estas alterações e, sendo a principal região produtora do Óleo essencial de alto valor econômico no comércio mundial, o debate irradia até este Departamento quando inquirido sobre o potencial do negócio e a Rota da Lavanda no Paraná.

A Rota foi lançada em meados de 2022 com um foco nos circuitos de Agroturismo contemplativo, implementados pelo Instituto de Desenvolvimento Rural do Paraná – IDR/Paraná, agregando valores além da jardinagem, da decoração, da cosmética e da aromaterapia. Permeando a culinária e a gastronomia, as vivências nos jardins sensoriais, bem como o desenvolvimento de produtos associados ao bem-estar, que tem a lavanda como escopo.

Em relação ao óleo essencial e sua extração, o laboratório TEC BIO, da Universidade Estadual de Maringá/UEM, localizado em Umuarama, tem realizado pesquisas quantificando e qualificando nossas lavandas.

Os estudos visam desenvolver as tecnologias de cultivo, a seleção de genótipos de lavanda mais adequados para cada região, além da produção de metabólitos secundários, a fim de se ter um produto que atenda aos padrões exigidos pelo mercado.

Desta forma, quando analisamos as importações de óleo essencial de lavanda pelo Brasil na última década observa-se um aumento de 74,9% nos volumes adquiridos, quando em 2022 internalizamos 122,7 toneladas frente às 70,1 toneladas de 2013. Os valores praticados atingiram patamares de US$ 5,2 milhões em 2020 e 2021, sendo US$ 4,1 milhões investidos em 2022 na aquisição do produto. (AGROSTAT/MAPA)

Os principais fornecedores do óleo no ano passado foram a França, que responde por 68,7% dos volumes e 52,4% destas aquisições, seguido pelos Estados Unidos com 9,0% do volume e 24,4% dos investimentos e a Espanha com 19,7% e 18,6% em quantidades e valores, pela ordem. Juntos participam com 97,4% dos pesos e 95,3% dos dispêndios.

Considerando a possibilidade de nos apropriarmos das inversões de recursos financeiros para o exterior, associadas as características fundiárias do Paraná - onde 140 mil estabelecimentos rurais, dos 305 mil totais, possuem área menor que 10,0 hectares (IBGE 2017) -, aderente às pesquisas científicas em curso, os negócios com a Lavanda já alavancam alguns

***Reprodução autorizada desde que citada a fonte**

negócios no campo ampliando a potência do rural paranaense.

FUNGICULTURA

**** Méd. Veterinário Roberto de Andrade Silva***

Historicamente, São Paulo é o maior produtor de cogumelos no Brasil. Atualmente, estima-se que o Paraná figure na segunda colocação nacional (cultivo de cogumelos comestíveis: Champignon de Paris/ Shiitake / Shimeji / Cogumelo do Sol), cujos maiores polos produtores ficam nas regiões de Curitiba, Guarapuava, Irati, Ponta Grossa, Londrina, União da Vitória, Umuarama, Maringá, Dois Vizinhos e Cornélio Procópio.

Hoje, 80% dos produtores brasileiros de cogumelos são pequenos e médios agricultores familiares. Dentre os tipos de cogumelos mais consumidos e produzidos no Brasil, destacam-se o Champignon de Paris (Agaricus bisporus), o Shiitake (Lentinula edodes), o Shimeji (Pleurotus spp.): (em variações branco e preto), Hiratake (uma variedade de Shimeji cor de rosa / Shimeji salmão).

A produção brasileira de cogumelos não é capaz de suprir a demanda, sendo necessário a importação do produto de outros países para atender o mercado interno, detectando-se um mercado promissor com possibilidades de incrementos da produção.

Conforme o Research and Markets, mundialmente é esperado que esse mercado atinja US$ 86,5 bilhões até 2027, crescendo a um CAGR (taxa de crescimento anual composto) de 6,5% entre 2022 e 2027. Para ter uma ideia, estava avaliado em US$ 58,8 bilhões em 2021.

Sem tradição na mesa do brasileiro e diante do pouco conhecimento dos brasileiros sobre o fungo, o consumo per capita no Brasil é considerado muito baixo. De acordo com a Associação Nacional de Produtores de Cogumelos (ANPC), está estimado em 160 gramas por habitante, enquanto França, Itália e Alemanha têm consumo per capita de cogumelos superior a 2 quilos por ano. Na China e na Coreia, passa de 8 kg por habitante ao ano.

Segundo o Censo Agropecuário do IBGE (2017), a produção nacional de cogumelos foi de 12.730 toneladas, gerando um valor bruto de produção de R$ 135,898 milhões. Os principais estados produtores de cogumelos, foram (toneladas): São Paulo (11.119), Minas Gerais (685), Paraná (415), Espirito Santo (240), Rio Grande do Sul

***Reprodução autorizada desde que citada a fonte**

(127) e Rio de Janeiro (96). Em 2017 o Paraná produziu 415 toneladas de cogumelos, envolvendo 98 cultivadores, sendo o município de maior destaque, Tijucas do Sul.

FEIJÃO

**** Economista Methodio Groxko***

Terminou a colheita da segunda safra de feijão no Paraná. Esta safra contou com uma área de 288 mil hectares e alcançou uma produção de 495 mil toneladas. A produtividade média atingida foi de 1.719 kg por hectare, representando cerca de 13% a menos do que a estimativa inicial, que era de 1.979 kg por hectare. As maiores áreas cultivadas foram nos Núcleos Regionais de Pato Branco, com 27%; Francisco Beltrão, com 22%; Ponta Grossa, com 17%; e Guarapuava, com 9%, em relação ao total estadual.

Com relação ao clima, a segunda safra de feijão enfrentou alguns problemas, com o excesso de chuva no início do plantio e estiagem durante o mês de maio. Durante a colheita foram registradas frequentes chuvas, principalmente nos Núcleos Regionais do Sudoeste do Estado. Assim sendo, os produtores alegam que tudo isto afetou a qualidade do produto colhido e, consequentemente, contribuiu para a baixa dos preços.

Na última semana, o produtor recebeu, em média, de R$ 190,00 saca de 60 kg pelo feijão de cores, com aumento de 1,4% frente ao período anterior. Já o tipo preto foi comercializado a R$ 210,00 saca de 60 kg, com uma redução de 3,2%, em relação à semana anterior.

TRIGO E MILHO

****Eng. Agrônomo Carlos Hugo Godinho***

A produção de cereais no Paraná se concentra no segundo semestre. O milho de segunda safra está em sua maioria a campo, com a colheita evoluindo lentamente e chegando a 11% nesta semana, percentual que já disponibiliza 1,6 milhão de um volume esperado de 14,0 milhões de toneladas. Este volume total deve ser retirado dos campos até setembro. O trigo, por sua vez, está todo a campo e deve ser colhido mais intensamente a partir de setembro, com os trabalhos se estendendo até dezembro. O potencial de produção da cultura é de 4,6 milhões de toneladas.

O milho já tem uma produção mais definida, com apenas 30% das lavouras restantes ainda em enchimento de grãos e as demais maturando, sem maiores riscos. As produtividades inicialmente obtidas

***Reprodução autorizada desde que citada a fonte**

oscilaram bastante, com parte das lavouras tendo produtividades abaixo do esperado em função da cigarrinha e dos períodos de estiagem, especialmente no Sudoeste; enquanto outras lavouras surpreenderam positivamente, especialmente no Oeste do Estado. A definição da safra deverá acontecer a partir da intensificação dos trabalhos no Norte do Paraná.

O trigo, entretanto, tem apenas 3% das lavouras em maturação, estando ainda bastante suscetíveis a intempéries climáticas. Nesta temporada o tempo tem ajudado, por enquanto, e 94% das lavouras estão em boas condições de desenvolvimento. A ausência de geadas fortes até o momento é uma situação comemorada pelos agricultores, bem como a regularidade das chuvas para a maioria das lavouras.

Caso se confirmem as produções apontadas na previsão subjetiva de safras de julho, estas culturas, somadas a outros cereais de menor expressão, como cevada, aveias e centeio, podem superar 19 milhões de toneladas no segundo semestre, contra apenas 3,96 milhões de toneladas produzidas no primeiro semestre, com milho especialmente, mas também arroz, culturas que vem sistematicamente perdendo participação na primeira safra para a soja.

***Reprodução autorizada desde que citada a fonte**